

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno em 52 numeros, 2\$500 réis; Semestre em 26 numeros 1\$300 rs.; trimestre em 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—15 DE OUTUBRO DE 1882—N.º 34—

GERENTES-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno em 52 numeros, 7\$000 réis; semestre em 26 numeros 4\$000 rs.; trimestre em 13 numeros 2\$500 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS:—Maria de Borgonha e os magistrados de Gand. A esmola da infancia. O livramento de S. Pedro. A avó.
TEXTO:—Actualidades, por Marcelino Mesquita. As nossas gravuras, por P. C. Rosicler, por Affonso Vargas. Horas d'ocio. O domingo dos Bébés, por Vidigal Salgado. O caso do João Anjo, por P. C. As filhas dos Elementos, por V.V. D. Evorina.

ACTUALIDADES

Eu conheço poucas mulheres que tenham assassinado os maridos... a punhal ou a tiro, por que d'outro modo, quasi que me arreccia o dizel-o, sim d'outro modo... não sei.

Para que hei-de eu ir indispôr contra mim a leitora formosa, que me honra, extremo galanteio, lendo as minhas palavras.

Ha umas verdades, que se não dizem nunca im-

punemente deante de senhoras, são como a mostarda ingleza, ou como a pimenta de que falla Francisco Palha, ardem, ardem!

Mas vamos adeante.

Algumas porém que a historia me ensina, encontro-as revestidas de tanta arte, desde a veste ao punhal, que, chego até a sympathisar, artisticamente, quando d'outro modo não seja, com os seus crimes. Que bella punhalada não é a de Carlota Corday, que bella scena. Sim porque afinal, a questão é de

scena. Conhecemos estes crimes á luz da rampa, envoltos em trapos, em prosopopéas, em circumloquios; as mulheres que os commettem são em geral umas bellezas, no palco; vestem, quasi sempre, á grega ou á romana, porque estas senhoras eram mais dadas a estas distracções, e assim podemos admirar no enlaçado do cothurno o classicismo das curvas.

São crimes que teem uma certa distincção, um ar nobre, crimes elevados, crimes de gente fina.

Na idade média que bellos dramas, que trage-



MARIA DE BORGONHA E OS MAGISTRADOS DE GAND

dias tão distinctas. O luar, a torre da cathedral, a pluma ondulante do górrô, o salão fidalgo e amplo, as tapeçarias, que de coisas, para dar a côr ao quadro, para romantisar a acção. Os assassinatos d'então teem hoje, quasi, o sabor das lendas, tão decoradas eram as suas minuciosidades, tão artistica a sua execução.

O coração parava no eixo cortante d'uma adaga; mas que bella folha de Toledo, que bella tempera, que bem cinzelada a cruz do cabo!

Assim, vá, quasi que se chega a comprehender a belleza d'um crime, quasi que se chega a desculpar quem o commetteu, pelo prazer que nos causa, seculos depois a sua revivescencia.

Hoje, seculo de prosa, o punhal cedeu o lugar á navalha de ponta e mola, o veneno de aspide ao acido prussico ou ao vitriolo, e emfim para que tudo tenha a sua evolução e transformação natural a thesoura de Dalila transforma-se no mascoto de Maria Ferreira de Renduffe, e a espada de Judith na machada de Balbina Guerra de Gulpilhaes.

Dois crimes de carpinteiro, se pôde dizer.

Isto são lá tragedias, nem a escola realista seria capaz de as perflhar. Imaginem realmente a serio, n'um palco, a scena final em que o galan é morto a machado, como quem descasca um pinheiro ou a mascoto como quem prega uma tábua.

Que final!

Nós estamos realmente em plena tragedia; mas não interessam os crimes porque o sejam, interessam pelo que representam — a brutalidade animal, impropria d'hoje, indigna de nós.

Os cerebros que não regem os corpos em que assentam, são como os monturos onde só vegetam plantas damninhas. A sociedade deve cobrir com véu de estranha dôr, não os crimes de Gulpilhaes e de Renduffe que são obra, mas o rosto para que se lhe não leia na pallidez, a ventura do remorso e da vergonha.

Os brutos obram assim.

Dos dois prodigios esperados anciosamente em Lisboa, um d'elles, chegou. E' Gemma Cuniberti, que acaba de *debutar*, no Gymnasio, com extraordinario applauso. Não a vi ainda; a julgar porém pela impressão que diz ter causado, cabe-lhe a phrase de *enfant sublime*, com que aureolaram de começo a frente de Victor Hugo.

O outro é Gayarre, um tenor extraordinario, um dos primeiros tenores do mundo.

Com franqueza eu não comprehendo bem como se pode ser genio aos doze annos. Comprehendo que se possa revelar um sentimento que experimentámos, comprehendo que um estudo profundo e aturado possa substituir até certo ponto, a deficiencia de sensações individuaes, mas quando se nasceu ha dois dias, como e quando se estudou?

Ou hei-de admittir que esta menina começou a estudar aos seis mezes e n'essa idade entrava já pelo Alves de Sousa e pelo João Felix como um cão por porta de egreja, ou que então, possui certamente em casa uma d'essas prodigiosas mezas de pé de gallo, onde os espiritos vêm por invocações e correntes magneticas, palestrar um pouco com a pequenez da nova miseria humana.

Só assim. Aos doze annos, em Portugal, o mais que uma menina tem feito é escrever umas vinte cartas cheias de pontos de interrogação, a dois primos, que sendo mais pobres em exclamações, não são mais ricos em orthographia.

Isto, de ter dançado no passeio umas polkas, sob a direcção de Justino, equilibrar-se rasoavelmente sobre uns tacões pyramidaes, tocar o *Beijo* e a *Priere de la Vierge*, constitue todo o seu arsenal artistico, todo o seu valor.

Vir, agora, esta menina e dizer-se: quando mal se comprehende a selecta de Caldas Aulete, comprehende ella, as grandes situações dramaticas, quando apenas nos anima o gosto pelo carrinho de verga, montar ella como um corredor romano o carro estrellejante da gloria, quando toda a gente sobe gostosamente para o collo, subir ella para o capitolio... sim, pode ser, mas por mim, francamente, creio mais no outro.

Termino registando um acontecimento tristissimo. Dois bellos rapazes, cheios de vida e de aspirações, morreram ingloriamente, na sua estação colonial, em mares longiquos, em cumprimento do seu dever. Conheci-os na Polytechnica, privei com elles, como bons amigos, como bons irmãos, n'esta selecta camaradagem de estudantes, cheia de encantos e espinhos. Pedro Valladas e Moraes Sarmento, pertenciam a um grupo de rapazes, que nunca esquecem pelo agracavel convívio, não interrompido de alguns annos, pela franqueza e integridade de caracter. Sabe bem, ao menos, poder, como ultimo recurso, afirmar publicamente a saudade pelo amigo e pelo camarada.

Eis o que eu faço.

MARCELLINO MESQUITA.

AS NOSSAS GRAVURAS

Maria de Borgonha e os magistrados de Gand

Como todos os principes guerreiros, Carlos o Temerario não tivera constantemente em vista senão uma coisa unica — a composição dos seus exercitos — justiça, commercio, artes, sciencias, manufacturas, tudo fôra abandonado durante esse terrivel governo. D'ahi provinham bastantes miserias e bastantes descontentamentos. Enquanto viveu, conseguiu conter ou reprimir os movimentos populares, que semelhante situação devia provocar; mas assim que as provincias submettidas ao seu jugo souberam da sua morte tragica, manifestou-se no seio das cidades uma agitação profunda, uma necessidade immensa de recuperar as velhas liberdades populares, que os principes borgonhezes não tinham cessado de calcar aos pés. Gand, Antuerpia, Bruxellas, Mons, Malines, etc., distinguiram-se n'essas reivindicações, e a herdeira de Carlos, Maria, debil e meiga menina de dezenove annos, cedeu á onda popular que Luiz XI, devemos dizel-o, não concorrera pouco para levantar.

Os Gantezes eram sobretudo, o objectivo do rei de França, porque conhecia a sua antipathia pela casa de Borgonha, a sua indomavel energia e o seu amor da liberdade.

Suppoz-se que se procedia com acerto e habilidade mandando-se uma embaixada a esse principe, cuja politica era um verdadeiro codigo de violencia e de perfidia, em que a heroicidade do chagal se ligava com a manha da raposa. Por isso conseguiu captivar dois dos principaes enviados, o chanceler Hugonnet, e o senhor de Humbercourt, que entretanto, sem manifestarem a desconfiança que elle lhes devia inspirar, se conservaram, ao que parece, fieis aos seus deveres; mas nas suas boas relações com o inimigo secreto das communas belgas, habilmente

exploradas por este, bastaram a irritar contra elles o paiz que representavam e sobretudo os Gantezes. Por isso os Estados resolveram enviar tambem embaixadores a Luiz XI, que lhes entregou uma carta de Maria, obtida por traição, e da qual parecia resultar que a duqueza zombava dos Estados, e só tinha confiança em Hugonnet e Humbercourt. Os deputados, cheios de espanto e de indignação, apresaram-se a voltar a Gand, onde as suas revelações deram logar a uma formidavel revolta, em consequencia da qual os dois ministros foram presos, julgados por um tribunal incompetente, e condemnados á morte, com a accusação de terem cedido Arras a Luiz XI, e de terem violado os privilegios de Gand. O seu processo durou duas semanas, durante as quaes soffreram as mais crueis torturas. Emfim decidiu-se que seriam decapitados tres horas depois de pronunciada a sentença. Estava-se no dia 3 de abril de 1477.

Maria de Borgonha tinha por esses dois velhos servidores de seu pae uma affeição verdadeiramente filial. Sabendo a terrivel noticia, teve uma inspiração que faz honra aos seus sentimentos e á sua coragem. Concebeu o generoso pensamento de excitar com a sua presença a compaixão do povo.

O cadafalso estava armado, esperando as duas victimas.

Acompanhada pelo seu capellão, um padre veneravel, dirigio-se aos paços municipaes, a pé, e vestida de lucto, mas os magistrados não lhe responderam, senão mostrando-lhe a multidão que soltava gritos de morte, e que pedia as duas cabeças que ella queria salvar.

Hugonnet e Humbercourt appareceram emfim, deitados em cima de um carro, com os membros despedaçados pela tortura. Então passou-se uma scena verdadeiramente tocante e dramatica: viram todos a filha do terrivel Temerario, com os cabellos soltos e os olhos banhados de lagrimas, a percorrer a multidão, e a pedir misericordia para esses velhos e leaes servidores de seu pae.

A multidão dividiu-se logo em dois campos, e uma lucta terrivel se ia travar entre os homens dos mesteres, armados com os seus chuços quando os carrascos pozeram termo ao conflicto, cortando as duas cabeças.

O quadro que a nossa gravura representa, e em que se vê Maria de Borgonha supplicando aos magistrados de Gand, que a escutam, respeitosos mas inflexiveis, o perdão de Hugonnet e de Humbercourt, é devido ao pincel, já hoje magistral, do moço pintor belga Emilio Wauters.

A esmola da infancia

O quadro de que a nossa gravura é copia é devido ao pincel do artista francez C. Brun. O titulo da gravura dispensa-nos de mais largos commentarios.

O livramento de S. Pedro

Eis o que se lê no livro *dos Actos dos apostolos*, cap. XII:

1 E n'este mesmo tempo, enviou o rei Herodes tropas, para m'ltarem a alguns da Igreja.

2 E matou á espada a Thiago, irmão de João.

3 E vendo que agradava aos Judeus, fez tambem prender a Pedro. Eram então os dias dos Asmos.

4 Tendo-o pois feito prender, mettu-o n'um carcere, dando-o a guardar a quatro esquadras, cada uma de quatro soldados, com tenção de o apresentar a o Povo depois da Paschoa.

5 E Pedro estava guardado na prisão a bom re-

cato. Entretanto pela Igreja se fazia sem cessar oração a Deus por elle.

6 Mas quando Herodes estava para o apresentar, n'essa mesma noite se achava dormindo Pedro entre dois soldados, liado com duas cadeias: e as guardas á porta vigiavam o carcere.

7 E eis que sobreveio o Anjo do Senhor: e resplandeceu uma claridade n'aquella habitação: e tocando a Pedro em um lado, o despertou, dizendo: levanta-te depressa. E cahiram as cadeias das suas mãos.

8 E o Anjo lhe disse: Toma a tua cinta, e calça as tuas sandalhas. E fez-o Pedro assim. E o Anjo lhe disse: Põe sobre ti a tua capa, e segue-me.

9 E sahindo, o hia seguindo, e não sabia que o que se fazia por intervenção do Anjo era assim na realidade; mas julgava que elle via uma visão.

10 E depois de passarem a primeira e a segunda guarda, chegaram á porta de ferro, a qual se lhes abriu por si mesma. E sahindo caminharam juntos o comprimento d'uma rua: e logo depois o deixou o Anjo.

11 Então Pedro entrando em si, disse: Agora é que eu conheço verdadeiramente, que mandou o Senhor o seu Anjo, e me livrou da mão de Herodes, e de tudo o que esperava o Povo dos Judeus.

12 E considerando n'isto, foi ter a casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde muitos estavam congregados, e faziam oração.

13 Mas quando elle bateu á porta, foi uma moça chamada Rhode, a que veio ver quem era.

14 E tanto que conheceu a voz de Pedro, com o alvoroço lhe não abriu a porta, mas correndo para dentro, foi dar a nova de que Pedro estava á porta.

15 Elles porém lhe disseram: Tu estás louca. Mas ella asseverava que assim era. E elles diziam deve ser o seu Anjo.

16 Entretanto Pedro continuava em bater. E depois de lhe terem aberto a porta, então o conheceram e ficaram pasmados.

17 Mas elle tendo-lhes feito signal com a mão, que se calassem, contou-lhes como o Senhor o havia livrado da prisão, e disse-lhe: Fazei saber isto a Thiago, e aos irmãos. E tendo sahido se foi logo a outra parte.

18 Mas quando foi dia, houve não pequena turbacão entre os soldados, sobre o que tinha sido feito de Pedro.

19 E Herodes tendo-o feito buscar, e não o achando, feito exame a respeito dos guardas, os mandou justicar: e passando da Judéa a Cesaréa, deixou-se aqui ficar.

20 Ora Herodes estava irritado contra os de Tyro, e de Sidonia. Mas estes de commum accordo o foram buscar, e com o favor de Blasto, que era seu camarista, pediram paz, porque das terras do Rei é que o seu paiz tirava a subsistencia.

21 E um dia assignado, Herodes vestido em traie Real, se assentou no tribunal, e lhes fazia uma falla.

22 E o Povo o applaudia, dizendo: Isto são vozes de Deus, e não de homem.

23 Porem subitamente o ferio o Anjo do Senhor, pelo motivo de que não tinha tributado honra a Deus: e comido de bichos, expirou.

24 Entretanto a palavra do Senhor crescia, e se multiplicava.

25 Mas Barnabé, e Paulo, tendo concluido o seu ministerio, tornaram a sahir de Jerusalem, levando consigo a João, que tem por sobrenome Marcos.»

Eis o capitulo que deu assumpto ao quadro do sr.

Van Severdouck, que a nossa gravura representa, e que está na igreja de S. Pedro em Bois-le Duc na Belgica.

A avó

A falta de espaço não nos permite senão acompanhar com o titulo o delicioso quadro de interior, que a nossa gravura representa.

ROSICLER

DEA!

(J. G. H.)

Na doce limpidez do teu olhar, creança fulgira para mim um iris de bonança, se um só dos rayos seus que anima e que consola, me fosse concedido um dia como esmola; porque afinal, escuta, este ignorado amor que ha tanto por ti sinto, oh minha casta flor, e que será talvez o que ha de vivo em mim, é o meu anjo bom, a minha estrella emfim! Por isso ver-te só, espirito gentil, é como ver nascer o sol em pleno abril ou como ver de um anjo a face illuminada! E no entretanto tu, oh minha doce amada, tu, a quem ergo ha tanto um casto altar divino, porque és talvez no mundo o Deus do meu destino, nem pensarás de certo um misero momento na minha dor atroz, no meu martyrio lento! mas não te quero mal, nem te maldigo não, se eu vivo como um crente—até d'uma illusão!

* * *

Segue o teu curso pois, oh astro deslumbrante é para ti o azul, o grande azul brilhante! Eu... ficarei talvez sonhando que o bom Deus me sorriu afinal no céu dos olhos teus!

188...

AFFONSO VARGAS.

HORAS DE OCIO

Logogripho

Á redacção do Jornal do Domingo

Sou um barquinho elegante—15, 31, 4-5
Sou op'ra sentimental.—13, 10, 31, 15
Fui rainha deslumbrante,—7, 12, 9, 2
Meu poder foi colossal.—3, 8, 11, 5

Ocupo logar distincto } 6, 5, 11, 5
Na ordem sacerdotal. }
Como homem não desminto } 11, 5, 3, 12, 15
Que fui traidor, desleal. }

Aqui medida verás,—5, 6, 9, 5
Qu'este não pode medir—14, 3, 5, 8
Tambem ave encontrarás—9, 2, 7, 15
Que te possa divertir—5, 11, 10, 3

Sou planta mui estimada,—13, 5, 3, 9, 12
Sou moeda de valor.—6, 5, 3, 12, 11
Sou divisão graduada,—4, 8, 13, 12, 10
Sou mulher de mau humor—6, 5, 11, 12, 5

Conceito

Sou entre os mais, illustrado,
É esse o meu galardão;
Sou campeão denodado
Nas lides da instrucção; 1, 2, 3, 4, 5, 6;—7, 8
Emquanto qu'os mais descansam }
Fico eu a trabalhar, } 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15
Para poder sem desdouro }
Meu nome justificar. }

Lisboa

MANOEL ANTONIO COELHO ZILHÃO

Charada

Piso a terra — 1
Corto o ar — 2
Não sou peixe
Estou no mar.

J.

NOTA— As soluções do numero 31 transferimol-as para outro numero, porque não recebemos ainda resposta á cryptographia.

O DOMINGO DOS BÉBÉS

SERÕES HONESTOS

(CONTOS)

UMA VIAGEM AO FIM DO MUNDO

Thomé— Certa manhã, um menino da tua idade e como tu muito amigo de aprender, tratou de fazer os seus preparativos de viagem. O nauta que se destinasse a correr longinquos mares não teria desenvolvido maior azafama.

Os viveres, objecto o mais attendivel para quem vai emprehender uma longa expedição, mereceram ao nosso viageiro os cuidados mais minuciosos.

Começou por melhorar a ração do almoço. Metteu n'um cestinho duas batatas cozidas, uma alentada fatia de pão com manteiga e meia duzia de nozes.

O nosso audacioso peregrino teve o cuidado de encobrir da familia os seus aventureiros projectos, receioso de que ella o dissuadisse da sua viagem, ponderando-lhe os perigos de expedição tão arrojada. Temia ter de ceder ás lagrimas de sua mãe e por isso resolveu calar-se.

De cestinho no braço, elle abi vae, pois, sem se despedir de ninguem. A poucos passos eil-o em plena charneca.

Tomar á direita ou á esquerda pouco importa: todos os caminhos vão dar onde elle quer ir.

Eduardo — Mas onde quer elle ir?

Thomé — Ora essa! Ao fim do mundo! Depois de meditar alguns segundos resolveu tomar á direita por uma estrada bordada de sebes entre as quaes esvoaçavam e zumbiam uns insectos verdes esmaltados de ouro; era, porém, tal a pressa do nosso caminhante que nem os formosos insectos, nem uns peixinhos vermelhos que brincavam na ribeira tiveram o condão de o demorar. E que admira! se o dia é tão curto e a viagem tão longa! Caminhava, pois, em linha recta, sem parar, atravessando até as cearas, ás vezes, para atalhar caminho. Passada talvez uma hora, o pão, a parte mais importante das munições de boca, tinha desaparecido, apesar de ter sido consumido com a parcimonia de viajante acautelado.

Um quarto de hora depois tinha levado o mesmo caminho uma batata e tres nozes

Alinal, nada mais natural: a quem se fatiga o appetite não se faz rogado e a prova é que passado pouco tempo, n'uma volta da estrada, á sombra amena d'um salgueiro, o nosso estimavel peregrino viu o fundo ao cesto, isto é, as munições estavam completamente consumidas. Mas o peor não era isso; era que as pernas já se negavam a ir para diante. Imagina que já tinha andado duas longas horas e nada de chegar ao termo do caminho.

O pobre pequeno resolveu voltar para traz, dizendo com os seus botões que com melhores pernas e provisões mais abundantes, realizaria o seu projecto.

Eduardo — Mas que projecto, ó tio?

Thomé — Eu te digo: o rapaz queria ir ao fim do mundo.

Mettera-se-lhe em cabeça que o ceu era uma cupula azul, que assentava na terra sobre as bordas, de maneira que o seu fim era chegar a um ponto extremo do horizonte e depois caminhar encostado á cir-

cunferencia, sempre curvado, já se vê, para não quebrar a cabeça contra o firmamento. O pobre rapaz partira com a firme convicção de que a poucos passos tocaria com o dedo no ceu; mas como a abobada azul fosse recuando á medida que elle avan-

Thomé — Vamos lá! se me não engano nem sempre tens sido d'essa opinião.

Eduardo — Pois bem: confesso que d'antes tambem pensava como o tal rapaz: cuidava que o ceu era uma redoma azul collocada sobre a terra e que,

me lembro de que me emprestou o seu marmelleiro para me abordoar, mas qual historia! nunca fui capaz de ver o tal poço!

As bordas do ceu continuavam a descançar sobre a terra, mas cada vez mais longe, muito longe.



A ESMOLA DA INFANCIA

çava, o que se seguiu d'ahi foi conservar-se sempre á mesma distancia do horizonte.

Eduardo — Se o pequeno tem vindo ter comigo antes de partir, tinha-lhe tirado da cabeça semelhante idéa.

Por mais que andemos é impossivel tocar com a mão no céu, ainda mesmo com o auxilio de uma escada.

se fossemos caminhando, haviamos de chegar por força ao fim do mundo.

Eu imaginava tambem que o sol se levantava por detraz das montanhas d'além e ia esconder-se do lado opposto e que ahi havia um poço ou o quer que fosse onde ficava escondido toda a noute; mas um dia o tio levou-me aos altos onde eu julgava que descançava a borda da redoma, eram muito longe, até

Disse-me então o tio que, se eu chegasse aos limites que se divisavam, avistaria novos limites e depois d'esses, outros, e outros, sem nunca chegar a ver as orlas d'essa abobada que realmente não existe.

Thomé — O ceu, como já sabes, não descança sobre a terra e por isso não ha medo de que batamos com a cabeça no firmamento.

A abobada celeste apresenta o mesmo aspecto em toda a parte. Se marcharmos na nossa frente havemos de topar sempre montanhas, vales, rios, mares, etc., sem nunca encontrarmos barreiras que assignalem limites ao mundo.

Imagina uma bola colossal, suspensa no ar por

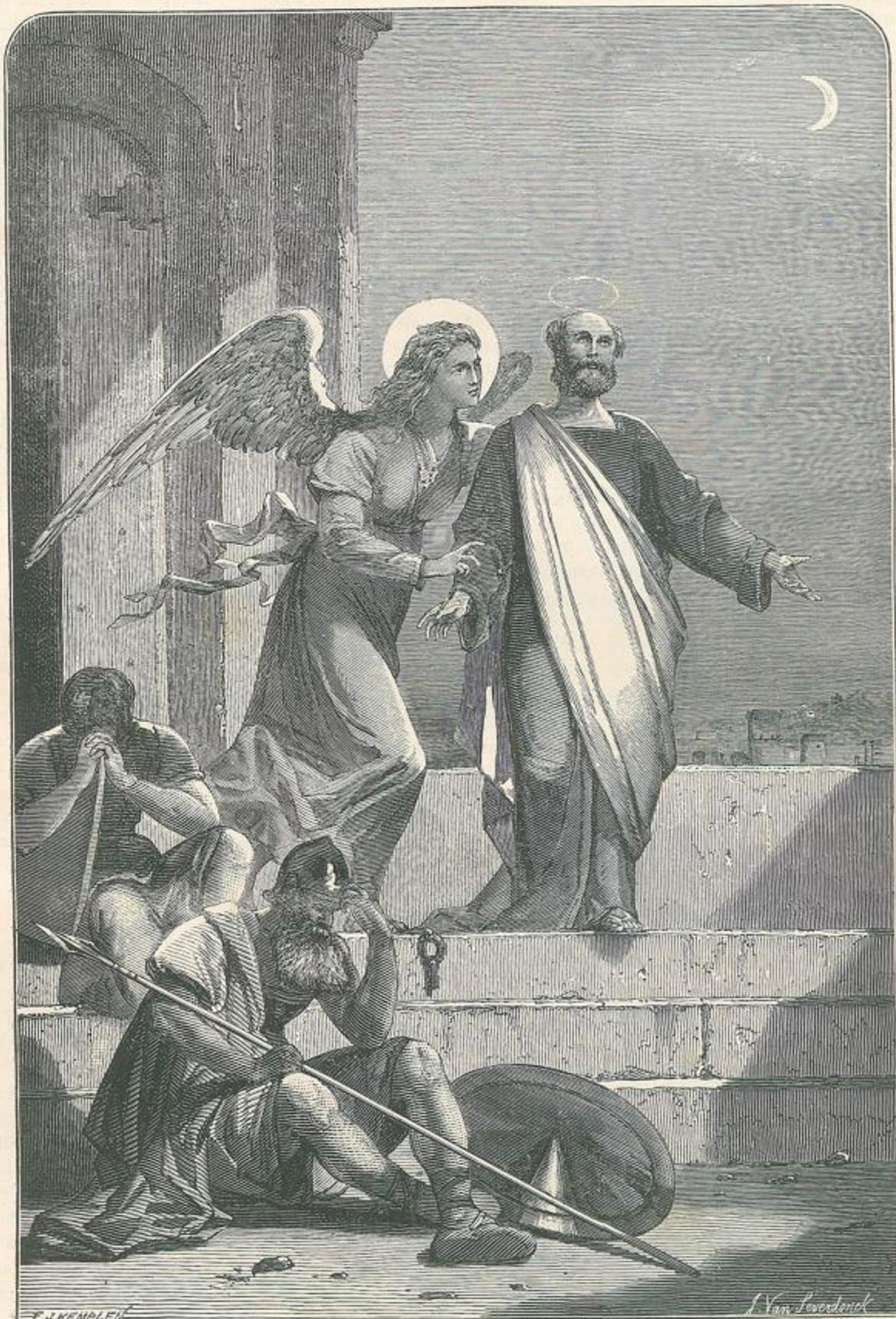
do globo, do que a mais pequenina mosca relativamente á maior bola que possas imaginar, acontecenos a mesma cousa.

Sem encontrarmos barreiras, sem nunca tocarmos com a cabeça na supposta cupula celeste, podemos caminhar em todas as direcções, effectuar as

Thomé—Nem está suspensa, nem assente sobre um apoio, como qualquer globo geographico sobre o seu respectivo pé.

Ha um conto indio que suppõe o mundo assente sobre quatro columnas de bronze.

Eduardo—E as 4 columnas sobre que assentam?



O LIVRAMENTO DE S. PEDRO

um fio, e sobre a bola uma mosca.

Se a mosca tiver o capricho de passeiar pela superficie da bola, não é verdade que pode caminhar em todas as direcções, sem encontrar obstaculos que lhe embarguem o passo? E não é verdade tambem que, se caminhar sempre na mesma frente, acabará por voltar ao ponto d'onde partiu, depois de ter effectuado um gyro completo?

Pois, mais pequenos em relação á immensidade

viagens mais longinquoas, e, partindo de um ponto, fazer um gyro completo em torno do mundo e voltar ao mesmo ponto.

A terra é redonda; é uma bola immensa fluctuando no espaço. A abobada que vemos sobre as nossas cabeças é apenas apparente, occasionada pela cor azul do ar que envolve a terra por toda a parte.

Eduardo—A bola em que a mosca viaja está suspensa por um fio. E a terra como está suspensa?

Thomé—Sobre quatro elephantes.

Eduardo—E os elephantes?

Thomé—Apoiam-se sobre quatro monstruosas tartarugas.

Eduardo—E as tartarugas?

Thomé—Nadam n'um oceano de leite.

Eduardo—E o oceano?

Thomé— Isso é que o conto não diz e faz bem em não dizer. Dar um pedestal á terra, imaginar

depois um segundo para sustentar esse, e um terceiro, um quarto, um milhão, se quizerem, é insinuar o erro e não explicar a verdade. Esgotados todos os apoios possíveis, restar-nos-ha sempre perguntar em que assenta o ultimo.

A aboboda celeste, repito, não tem existencia real, é unicamente apparente, produzida pelas camadas d'ar atmosphérico.

Milhares de viajantes têm percorrido a terra em todos os sentidos, e nenhum viu ainda cadeias que a suspendam ou apoio qualquer em que ella assente.

A esphera terrestre jaz isolada no espaço; fluctua no seio da atmosphera; e o mesmo acontece ao sol e á lua.

Eduardo—Mas, então, não cae?

Thome—Diz-se que um corpo cae quando se precipita para o centro da terra, como acontece a uma pedra que se conserva na mão e depois se abandona a si mesma. Ora, como queres tu que a bola se precipite para a terra, se a terra é ella mesma? Pois é possível um objecto precipitar-se sobre esse mesmo objecto?

Eduardo—Não, decerto.

Thome—Depois, em roda da terra tudo é symétrico, ou para melhor entenderes: não ha lado de cima nem lado de baixo; nem direita, nem esquerda.

Chamemos, se quizeres, lado de cima a zona da terra que está voltada para o ceu, mas devemos, attender que do lado opposto ha tambem ceu como aqui e que por toda a parte acontece o mesmo. Ora, se não admittes que a terra se precipite para o ceu que está por cima de nós, como queres que ella se precipite para o ceu opposto? Cabir para o ceu opposto equivaleria a subir, como qualquer ave que ergue o vôo e paira sobre a superficie da terra.

VIDIGAL SALGADO.

O CASO DE JOÃO ANGO

(Excerpto inedito da 2.^a edição da HISTORIA DE PORTUGAL)

A historia de João Ango e do seu supposto bloqueio do porto de Lisboa estava longe de se achar ainda sufficientemente esclarecida, quando n'esse assumpto veio derramar bem recentemente a mais completa luz uma publicação do sr. Fernando Palha, ¹ moço intelligentissimo e estudioso, que põe ao serviço de uma erudição pouco vulgar e de um gosto pronunciado pelos estudos historicos os meios de fortuna que possui e que sabe empregar na aquisição de preciosissimos instrumentos de estudo e de investigação. Cairam felizmente nas suas habéis mãos muitos dos valiosos manuscritos da livraria Castello-Melhor, e entre elles cartas de D. João III, dos seus ministros e dos principaes personagens da sua côrte, que esclarecem completamente o facto adulterado pelas tradições normandas, e a que pretendeu dar foros de verdade historica um escriptor serio e grave, mas verdadeiramente desviado pelas suggestões do amor proprio nacional.

Eis pois quaes são os factos, taes como resultam dos documentos publicados pelo sr. Fernando Palha, e do lucido commentario do erudito expositor.

Além dos esforços herculeos, que os portuguezes precisavam de empregar para sustentar o seu domi-

¹ «A Carta de marca de João Ango—Exposição summaria dos factos, extrahida de documentos originaes e ineditos por Fernando Palha» opusculo de 109 paginas, 40 de texto, 69 de documentos (Lisboa, 1882)

nio na Asia, na Africa e na America, tinham elles ainda de distrahir uma porção das suas forças para a empregarem na defeza das costas portuguezas, na protecção dos navios mercantes, porque em torno d'este riquissimo ninho de Lisboa pairava constantemente, como um bando de aves de preza, a praga dos corsarios argelinos e dos corsarios francezes. D'essa perseguição constante dos corsarios resta memoria em dois adagios portuguezes.

No proverbio «anda moiro na costa» se conserva a tradição do sobresalto constante em que estavam os habitantes da nossa zona maritima com receio das saltadas dos piratas moiros. No proverbio: «Isto é roupa de francezes» quer o sr. Fernando Palha ver, e com razão, parece-nos, a memoria das represalias a que os nossos recorriam para se vingarem dos corsarios d'esse paiz. «Era tão vulgar, entre nós, n'esses tempos, diz o sr. Fernando Palha, ter de exercer represalias contra subditos do rei de França, que a lingua se enriqueceu com uma nova locução—*roupa de francezes*—que no futuro veio a significar objectos de que a todos era licito lançar mão.» ¹

A indicação do sr. Fernando Palha tem todos os visos de ser verdadeira, porque é certo que a locução é muito anterior á vinda dos Francezes a Portugal, epoca em que vulgarmente se imagina que teve principio o uso da phrase. N'uma sylvia composta por Thomaz Pinto Brandão para descrever os festejos feitos em Lisboa por occasião do casamento do principe D. José em 1729 se diz, com referencia a uma corporação que levantára um arco de papelão, que os garotos:

Ao seu arco com talhos e revezes
trataram como a roupa de francezes ²

Effectivamente a lucta era seria. Os francezes, e principalmente os Normandos, não só procuravam esbulhar-nos do monopolio do commercio das terras da Africa, Asia e America, como depois tentaram esbulhar-nos da gloria de as termos descoberto, não só procuravam estabelecer-se no Brazil mas salteavam as nossas possessões mais proximas, esperavam os navios que tornavam da India carregados de pimenta, ou os que iam levar as mercadorias asiaticas de Lisboa a Flandres e assenhoreavam-se d'elles quando não mostravam resistencia aspera. Ha d'essa perseguição incommoda memoria em todos os escriptos d'esse tempo. Basta que narremos por exemplo a narrativa da desastrosa viagem de Jeronymo de Albuquerque Coelho, de Pernambuco para Portugal, em que uma das mais terriveis catastrophes que succederam ao navio de Jeronymo de Albuquerque foi o encontro de um corsario francez, que tudo lhe roubou até os instrumentos mais essenciaes para a navegação, e o deixou depois desamparado no meio do Oceano. Dos desembarques dos corsarios francezes era então victima sobretudo a ilha da Madeira, assim como tambem o contrabando que os normandos preferiam era o do pau brazil. Essa praga dos corsarios francezes, que nos não incommodava só a nós, que incommodava tambem e sobretudo os hespanhoes, cujos galeões cahiam com grande frequencia nas mãos d'esses libusteiros, ao voltarem do Perú ou do Mexico, essa praga pois prejudicava de tal fórma o nosso commercio que, a não haver exaggero intencional nas queixas que D. João III mandava em 1531 a D. Alvaro de Athayde que apre-

sentasse ao rei de França, desde que principiava o commercio da India tinham os corsarios francezes aprezado mais de trezentos navios, o que dá uma media de mais dez navios, por anno. ¹ É verdade que as represalias eram cruéis, e que não deviam ser muito menos os navios francezes que os nossos tomavam ou mettiam a pique. No tempo de D. Manuel Duarte Pacheco infligia uma lição severissima ao corsario Mondragon: nas costas do Brazil navio francez encontrado era navio mettido a pique, e na mesma occasião em que D. Alvaro de Athayde tratava em França do negocio de Ango, prestava Martim Affonso de Sousa o serviço da immersão a uns navios francezes que encontrara nas costas do Brazil. Nem esta troca de aprezamento e de submersão alterava as boas relações entre os dois paizes, nem o estabelecimento de Villegaignon no Brazil, e a subsequente e violenta expulsão pelos portuguezes de Mem de Sá se considerava *casus belli* por qualquer dos dois paizes.

(Continua)

P. CHAGAS

AS FILHAS DOS ELEMENTOS

(Continuação)

II

No dia aprazado, á hora marcada e com uma pontualidade ingleza estavam todos a postos. Raphael elegantemente vestido, de casaca e luva *gris-perle*, o dr. Alberto com a gravidade que o caso requeria, e o trem á porta.

—Vamos a isto? perguntou o doutor.

—Quando queiras: pertenço-te, dispõe de mim.

—N'esse caso, comecemos a cumprir o programma. Aqui está a venda. Da-me a tua cabeça e perdoa se, desageitado como sou, desmanchar o bonito frisado dos teus cabellos.

—Alberto, por quem és não brinques agora. Trata-se do futuro de toda a minha vida. Corresponde portanto á confiança que em ti deposito, inspirando-m'a inteira e completa.

—Tens razão, mas não te agastes comigo. Pois se eu trato dos preliminares do teu casamento, como queres que esteja triste? Emfim, acabou-se a brincadeira: vamos a isto.

Segundos depois tinha Raphael os olhos vendados e pelo braço do dr. Alberto descia a escada e entrava no coupé.

Passados vinte minutos e depois de um cem numero de voltas desordenadas, dadas de proposito para desnortear completamente Raphael, parou o trem ao portão de um palacete elegante. As portas estavam abertas de par em par, sem que ninguém ali estivesse para acompanhar os recém-chegados.

Subiram e entraram em um gabinete, forrado de vermelho, ao centro do qual havia uma grande mesa e sobre ella muitos papeis em desalinho. Em cada canto um fogacho dava á sala um tom sinistro de luz vermelha,

Junto á mesa estava sentada, em delicioso abandono, uma elegante rapariga de 16 annos, quando muito. Não é facil descrever a regularidade d'aquellas feições, a belleza d'aquelles olhos rasgados, o ar-

¹ «que seus vassallos aos meus tem tomado passante de trezentos navios, a qual perda que mais verdadeiramente se podem chamar roubos reduzida a boa conta monta tanto que me affirmam chegar a hum conto d'ouro» *Instrução a D. Alvaro de Athayde*, pag. 44 da *Carta de marca de João Ango*.

¹ A Carta de marca de João Ango, pag. 8.

² Vem publicada no *Fasto de hymeneu, ou historia pagenestica dos desposorios dos fidelissimos reis de Portugal D. José I e D. Maria Anna Victoria*. (Lisboa, 1752).

queado d'aquellas sobranceiras, o rosado das faces.

O traje dizia as mil maravilhas com a formosura d'aquella criança e com o tom de luz da casa. Saia de setim escarlate, corpinho de gaze branca e sobre elle, em forma de jaqueta hespanhola, brocado de seda preta com galões de velludo carmesim. Sobre a cabeça um lenço de seda avermelhado, com uma pluma escarlate. Corações em fio ao pescoço, nos pulsos e nas orelhas.

Ao chegar entre portas, exclamou Alberto:

—Estamos chegados. Desvende-se o paciente.

Raphael levou rapidamente as mãos ao lenço e ficou deslumbrado com tal visão. Entre a fascinação d'aquella criança de cabellos louros e o terror que lhe infundia a côr terrivelmente vermelha da sala, disse baixinho ao doutor:

—Que é isto? Onde estamos nós e quem é aquella belleza?

—Silencio. Eis-nos em pleno Averno. Estamos em casa do Fogo. Apresento-te a nobre descendente de Vulcano.

—E' realmente formosa!

—Salvé! exclamou o dr. Alberto, puchando pela mão de Raphael, que tremia, não sei se de encanto se de medo.

—Bem vindos sejaes, gentis desconhecidos. Em que posso ser-vos agradável? exclamou ella com ar sereno.

—Desejamos fallar a vosso pae.

—Não sei dizer-vos se isso será possível por agora. Esperae contudo.

E levantando-se sahio da sala. Ao abrir-se a porta que conduzia aos quartos contiguos, sentiu-se não sei que emanção de enxofre.

—Horror! disse Raphael, a que antro me trouxeste, Alberto?

Descança que não ha perigo. E's aqui recebido em boa hora. O Fogo só recebe no seu estado de fogo fatuo.

—Vejam os que lia aquella rapariga. Haverá inconveniente?

—Nenhum.

E Alberto pegando ao acaso em um dos muitos papeis soltos sobre a mesa, leu:

20 de novembro

«Queimados tresentos hectares de terreno, pomar e oliveiras na herdade de ***

«Devastado pelas chammas o palacio do conde de ***, dependencias e casas circumvisinhas.

«Devorado pelo incendio á 1 hora da noite...

—Basta, exclamou Raphael, rubro de colera e no maior auge da exaltação. Desisto da conferencia. Sahiamos d'aqui, mas já, por Deus t'o peço...

E por seu turno foi elle quem arrastou Alberto, que fingindo forcejar por ficar, lhe disse:

—Não póde ser: é uma inconveniencia. Demais amda não apreciaste aquella belleza que aqui encontramos...

—Inconveniencia ou não, é preciso sahir d'aqui e quanto antes!

—E se estiver alli o teu futuro?

—Que o leve o diabo. Para casar com semelhante mulher, fóra preciso ser... bombeiro, pelo menos.

E puchando com toda a força por Alberto sahiram da sala. Novamente vendado entrou no trem e sem trocarem palavra, chegaram a casa. Apenas chegados, exclamou Raphael:

—Deus te perdoe a má impressão que me causaste e a noite agitada que vou passar.

—Tem paciencia, meu rapaz. Não se conquistam assim impunemente as immortaes.

—E são todas assim? accrescentou Raphael, entre receioso e pensativo?

—Tranquillisa-te, Raphael, e não te faças piegas. Ha para todos os gostos; terás portanto á farta por onde escolher. Basta para isso que sejas paciente. Amanhã teremos uma visita mais alegre, mais rissonha.

—Se assim é, conta comigo: do contrario, dou por acabada a experiencia. São frescas as tuas recommendadas!

—Sublimes, é que debes dizer. Puras de toda a mácula, isemptas de todos os defeitos... immortaes enfim. Não te agradou esta? pois bem, dorme tranquillo e amanhã fieurás satisfeito comigo. Adeus.

E separaram-se para continuar no dia seguinte a peregrinação pelo mundo ideal.

III

Alberto passou a noite febril e convulso. Agitavam-o de continuo as scenas da vespera. Ora via a casa em chammas e sentia a seu lado o cascalhar de uma gargalhada mephistophelica d'aquella visão, que na vespera o atterrara; ora lhe parecia que de precipicio em precipicio o precipitava um sem numero de seres diabolicos.

Pela madrugada, lançado de tamanha lucta, levantou-se, dando ao diabo o dr. Alberto e jurando aos seus deuses não o tornar a acompanhar em taes excursões. Reflectindo, porem, que uma recusa da sua parte poderia ser levada á conta de medo, desistio do primeiro intento e aguardou desesperado e taciturno que soassem as oito horas da noite.

A essa hora seguiu-se o processo da noite antecedente, e como n'ella, acharam tambem francamente abertas as portas da agradável vivenda onde Raphael devia encontrar a heroína d'aquella noite.

O salão onde entraram, sem que ninguem os annunciasses, não tinha o tom carrancudo da sala da vespera; era, porem, original a ornamentação. De um lado, pendia da parede um grande numero de barcos de toda a especie e formas:—do outro, remos, pás, forquetas, croques e um sem numero de aprestes maritimos. Mais alem diversas algas, madreporas, caravellas e que sei eu! Todo um mundo de artigos de marinha.

—Sim senhor, hoje sim. Aqui não ha evaporações diabolicas; não ha o tetrico da tua deidade de hontem. Assim percebe-se.

—Pois não t'o tinha eu dito?

—Mas onde estamos nós?

—Em casa da AGUA.

—Não dos mares do norte, que esta é tepida e agradável, accrescentou sorrindo Raphael.

(Conclue).

V. V.

SCENAS DA VIDA DO MEXICO DONA EVORNIA

POR

LUCIANO BIART

II

(Continuado de pag. 264)

Apertei a mão do alcaide para agradecer-lhe a lição, e enquanto elle surprehendido com o meu procedimento, repetia, fazendo girar o chapéu em todos os sentidos, que eu era um homem de bem, e que sua mulher e filhos estavam de perfeita saude, acabei de arranjar os instrumentos e collocar as sementes preciosas na cama de algodão, que tão in-

telligentemente lhes preparára o morlomo de Mirador.

Quando cheguei ao grande pateo da prisão, os presos tomavam ar. Cercaram-me logo, mostrando-me a lingua, dando-me o pulso, queixando-se cada um de mil doenças de scisma, pedindo-me que os mandasse para a enfermaria, donde é facilissimo fugir. Um guarda da cadeia desatou á pancada a elles, para me deixarem passar—o que me indignou.

—Ladrões, assassinos! repetia-me o outro guarda, que me acompanhava.

—Mas são homens, doentes! repliquei.

—Doentes, que se tivessem occasião, furavam a barriga ao doutor, com o mesmo sangue frio, com que o doutor fura um abcesso.

Eu não duvidava. Todavia não ha espectaculo no mundo, que tanto me impressione o coração, como ver bater n'um homem; e a minha vida será toda empregada em reclamar a abolição da chibata no exercito e nas cadeias mexicanas.

Tinham mandado a Grega para um grande quarto de paredes caiadas, geralmente occupado pelos condemnados á morte, o que a pobre rapariga felizmente ignorava. Estendida n'uma cama de lona, ergueu-se quando ouviu ranger a enorme fechadura da porta, e vi-lhe os grandes olhos escuros no rosto branco e pallido. Quando me reconheceu, veio ao meu encontro, encostou a cabeça ao meu hombro, e desfechou n'um pranto de soluços. O alcaide ficou de fóra.

—O que querem de mim? que mal fiz eu? repetia a mulher banhada em lagrimas.

Apezar de saber que as mulheres e as creanças choram abundantemente por qualquer coisa, não posso ver soluçar uma d'essas creaturas, sem ficar profundamente commovido. Procurei socegar a Grega; ella tinha alguma febre, e o seu olhar abatido entristecia-me. Curvada, a cabeça pendida sobre o peito, deixava cahir sem força os magnificos braços. As feições, admiraveis sempre de finura, pureza e regularidade, exprimiam uma dôr funda e resignada. Que diriam os adoradores d'aquella mulher esvelta, de porte magestoso, olhar imperativo, e fronte orgulhosa, se lhes fosse permitido vel-a em semelhante estado de prostração? Coisa notavel! a franzi-na, a timida, a loira Evornia parecia ter adquirido os gestos da altiva e desregrada aventureira, que por inexplicavel contradição, gemia curvada, como fóra de esperar que gemesse Evornia.

—Morreu, não é verdade? perguntou-me a infeliz, repetindo por singular coincidencia, as palavras da viuva.

—Pois ainda ignora? respondi.

—Não doutor; apezar d'isso duvido. Eu amava-o.

Pronunciou estas palavras a meia voz, córou, tapou o rosto com as mãos, como envergonhada do que dissera, e começou a chorar silenciosamente.

—Sabe que accusam Valentim? continui.

E eu tambem sou accusada? perguntou com um gesto de desdem.

—Nunca ameaçou D. Philippe?

—Elle abandonou-me depois de ter prometido casar comigo, doutor; eu estava doida de tristeza. —Eu matal-o! hoje principalmente...

—Era outra vez seu amante?

A Grega levantou a cabeça, e fitou nos meus os seus bellos olhos.

—Sim, exclamou com orgulho.

O diabo são mulheres! pensei comigo. Se a minha pobre Evornia desconfiasse, era o bastante para morrer... Quiz retirar-me; a Grega não deixou. Era

meu dever não a prevenir da confrontação, que a justiça precisava; sabi, ella ficou chorando.

Pedi que me levassem á cellula de Valentim, que encontrei furioso, indignado, passeiando pela prisão. Acabava de ser interrogado, e vociferava contra o juiz.

—Enganou-se; mas ha de custar-lhe caro. Nunca perdoarei ao juiz as suas suspeitas, dizia elle. Juro pela minha salvação, que apenas estiver livre, hei de deitar fogo ao tribunal, eu só, á luz do dia, na presença de todos os aguazis, de todos os carcerei-

que me convidou para jantar. Esfregou as mãos quando lhe affirmei que a febre causada á Grega pela inquietação e pela tristeza, não se oppunham aos seus desejos de magistrado. Queria acabar o mais breve possivel com o negocio, e alem d'isso era necessario proceder á inhumação de Dom Philippe.

Durante o jantar, como é natural, tratou-se apenas do assassinio. Eu disse ao juiz as minhas impressões; elle deixou-me fallar sem me interromper, sorrindo e sacudindo a cabeça todas as vezes que eu affirmava que a justiça estava enganada, e que era

temunhas offereciam-se para repetir as ameaças de vingança proferidas contra elle, quando casou. Mas todos os que frequentavam a casa eram unanimes em declarar, que ainda não eram passados seis meses depois que Dom Philippe tornou a cahir nos laços da perigosa sereia.

—Ora, doutor, continuou o juiz aproximando a sua cadeira da minha, em quanto eu acendia um charuto no *brasero*; a Grega confessa que D. Philippe sahiu de casa d'ella hontem ás onze horas, tendo lá passado a noite juntamente com Valentim, que



A AVÓ

ros e esbirros. Hei de demolir a prisão; tão certo como o doutor chamar-se Bernagius e eu chamar-me Valentim. E o tal senhor juiz do crime hade pagarme as perguntas injuriosas e estupidas que me fez.

Não havia meio de fallar socegradamente com o preso, um valente moço, que pensava tudo o que dizia, mas que se esqueceria de tudo um quarto de hora depois de sahir para a rua. Pediu-me que desse noticias d'elle ao pae, e que lhe encommendasse a ceia.

Sahi da prisão moralmente convencido da innocencia dos dois accusados. A' porta encontrei o juiz

preciso pôr Va lentim e a Grega em liberdade.

Quando concluiu, o juiz communicou-me tambem em segredo a sua opinião, as suas investigações e os relatorios dos seus agentes. A Grega, natural de Tampico e não de Guadalajara, contava apenas dezenove annos. Tendo casado aos quatorze, separou-se do marido pouco tempo depois, e em Vera-Cruz, em Puebla, em Tlacotalpam tinha sempre dado escandalo por seus costumes livres. Pertencia a uma excellente familia, e a que passava por sua mãe era apenas sua ama. Tinha enviuvado havia apenas tres annos; fora muito amada por D. Philippe, e vinte tes-

se retirou primeiro. Dom Philippe foi agredido á meia noite, porque pouco antes a ronda esteve parada alguns minutos no logar em que se achou o cadaver. A' meia noite e meia hora, Valentim que diz ter andado a passeiar pelas ruas até então, conversava tranquillamente á janella com a Grega. Foram vistos por um guarda; e não o negam.

—Mas elles não explicam essa coincidência?

(Continua)